



Vol. 24, nº 1 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v24n01/2023p95-114

**LITERATURA DO TESTEMUNHO NO MATO GROSSO:
REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA TESTEMUNHAL DE PEDRO
CASALDÁLIGA EM *CREIO NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA***

**LITERATURE OF TESTIMONY IN MATO GROSSO:
REFLECTIONS ON THE TESTIMONIAL WRITTEN OF PEDRO
CASALDÁLIGA IN THE *CREIO NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA***

Kerli Simone Mezomo Silva¹

Recebimento do Texto: 26/03/2023

Data de Aceite: 22/04/2023

RESUMO: Pedro Casaldáliga, bispo emérito da prelazia de São Félix do Araguaia - MT provoca com sua posição política e religiosa perplexidade social em pleno período ditatorial brasileiro. Taxado de subversivo Casaldáliga traz para o mundo o vívido testemunho de seus primeiros anos de prelado. Perante o exposto, o presente artigo tem por objetivo analisar a construção da obra *Creio na Justiça e na Esperança*, sob a luz da Literatura de Testemunho, sobre os reflexos das memórias do bispo que vão se renovando com trechos de seu diário. Metodologicamente, tratar-se-á de um estudo qualitativo a partir de revisão bibliográfica. Como resultado da pesquisa constatamos que a Literatura de Testemunho serviu de elemento norteador para a mobilização da memória e expressão de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa não ficcional. Literatura do Testemunho. Casaldáliga. Memória. Diário.

ABSTRACT: Pedro Casaldáliga, bishop emeritus prelate of São Félix do Araguaia - MT causes social perplexity with his political and religious position in the Brazilian dictatorial period. Nicknamed subversive, Casaldáliga showed to the world his early years as prelate in the vivid testimony. Therefore, the objective of this of the article is to analyze the construction of the text *Creio na Justiça e na Esperança*, in the light of Literature of Testimony, on the reflections of the bishop's memories that renovating with diary excerpts. Methodologically, it will be a qualitative study based on a bibliographic review. The result of the research, whas that Literature of Testimony served as a guiding element for the mobilization of memory and expression os resistance.

KEYWORDS: Non fictional narrative. Literature of Testimony. Casaldáliga. Memory. Diary.

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu* em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL-UNEMAT), Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: kerli@unemat.br



Introdução

Ao refletirmos sobre como as produções literárias evidenciam o estado do Mato Grosso, percebemos que elas são bastante diversas, abrangendo uma variedade de gêneros e temas que refletem a rica diversidade cultural e histórica da região. Dentre os gêneros, destacamos a literatura de testemunho.

O testemunho enquanto narrativa, em geral, é uma forma que busca dar voz e registro a experiências vividas por pessoas, comunidades ou grupos que foram marginalizados, discriminados ou vítimas de violência. Quando ponderamos acerca dessa literatura testemunhal mato-grossense identificamos a produção bibliográfica de Pedro Casaldáliga, que revela o anseio de um povo reprimido em busca de uma vida mais digna e, sobretudo, transparece seu desvelado amor ao passo que reverbera a resistência ao latifúndio.

Sua notória relevância rendeu estudos nas mais diversas áreas, basta uma breve pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES que verificaremos trabalhos nas áreas de Estudos Literários, Geografia, Filosofia, Ciências da Religião, História, entre outras. Entretanto, notamos que há uma diminuta produção acerca do bispo de São Félix no tocante à Literatura do testemunho.

Nesse contexto, destacamos *Creio na Justiça e na Esperança* (1978) obra testemunhal de Pedro Casaldáliga, que possui como essência a exposição de seus primeiros anos de prelado no município de São Félix do Araguaia - Mato Grosso. Portanto este artigo possui como objetivo central examinar a produção desta obra, dos elementos que compõem a narrativa e



potencializam a discussão da memória e das barbáries veladas no interior do Mato Grosso.

Para que alcancemos esse objetivo o artigo se desenvolverá a partir de pertinentes considerações preliminares, iniciando com uma breve discussão acerca da literatura não ficcional. Gênero literário que se concentra em fatos e eventos reais, geralmente baseados em pesquisa, investigação e testemunho. Diferindo-se da ficção por se comprometer com a exposição de informações precisas e verificáveis. É uma forma importante de contar histórias e fornecer informações sobre o mundo ao nosso redor. Com seus diversos subgêneros e temas, oferece uma ampla gama de perspectivas e *insights* que podem ajudar a iluminar a nossa compreensão sobre a vida e a sociedade.

Ademais, o artigo discorrerá sobre o gênero Literatura do testemunho como importante espaço para dar voz a indivíduos que, muitas vezes, são marginalizados ou esquecidos pela história oficial. Os registros de suas histórias pessoais e experiências por meio da narrativa, ajudam a preservar a memória coletiva e a ampliar a compreensão da humanidade sobre os impactos da violência e opressão.

Por fim, caberá a análise da obra *Creio na Justiça e na Esperança*, buscando seu estudo e enquadramento dos escritos de Pedro Casaldáliga, bispo católico, poeta e ativista social espanhol que viveu e trabalhou no Brasil por mais de 50 anos. Seu trabalho como escritor e ativista foi marcado por uma forte resistência aos regimes autoritários e pela defesa dos direitos humanos, especialmente dos povos indígenas e camponeses. A resistência de Pedro Casaldáliga se reflete em sua escrita, que aborda temas como justiça social, opressão, luta pelos direitos humanos e a defesa da dignidade humana.



Importante ressaltar que o presente artigo se desemboca do ensejo de uma pesquisa de mestrado, mais ampla e ainda em construção, logo, o que aqui se apresenta trata-se de apenas uma parte, porém de aguda relevância, que será arquitetada metodologicamente com vistas à pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica e análise do *corpus* da obra enunciada.

A Literatura não ficcional (breves considerações)

A literatura configura-se como arte que conduz ao conhecimento, à liberdade e à transformação. Pela obra firma-se entre leitor e escritor uma espécie de acordo subjetivo pelo qual o leitor dispõe suas expectativas e entrega-se à leitura.

No âmbito da literatura, há a bifurcação entre literatura de ficção e literatura de não ficção, dentro das quais coexistem os gêneros literários. Na literatura não ficcional encontramos subgêneros tais como as biografias e autobiografias, as cartas, os diários, entre outros, que vão culminar para a denominada memorialística. A literatura se dilata e assume diferentes vértices de narração a fim de atender a complexidade das necessidades humanas.

Nesse contexto, as narrativas podem assumir ainda a face do hibridismo entre a ficção e o conteúdo não ficcional, recurso muito comum e utilizado de longa data, como pode ser observado no romance *Oroonoko* (1688) de autoria da escritora inglesa Aphra Behn em que “[...] A segunda parte se dá no Suriname, e a narrativa se constrói com as informações colhidas das experiências “reais” da autora, novamente borrando as fronteiras entre ficção e história.” (CAMPANA, 2021, p. 92). Autores como



Truman Capote e Joan Didion são conhecidos por suas obras de não ficção, que abordam temas diversos, como assassinatos em série, a cultura americana e a geologia.

Podemos ainda citar, a título de exemplificação brasileira a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha - Publicado em 1902, este livro é uma obra clássica da literatura brasileira, que relata a Guerra de Canudos, conflito que ocorreu no interior da Bahia no final do século XIX; ou ainda a obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre - Publicado em 1933, este livro é uma obra seminal da antropologia brasileira, que analisa a formação da nossa sociedade a partir das relações entre brancos, negros e indígenas. Outro exemplo, mais contemporâneo, está na obra de Michel Laub, *A Maçã Envenenada* (2013).

Diferentemente da literatura de ficção que busca criar uma realidade possível e aceitável aos leitores, ou seja, ascende à verossimilhança, a literatura não ficcional compromete-se com a veracidade ao lidar com acontecimentos reais, e tem sido valorizada ao longo da história por sua capacidade de transmitir conhecimento e informações importantes sobre a sociedade, a política, a ciência e a história.

Adaptando-se a necessidades humanas de comunicação, ao incorporar o testemunho bárbaro e o trauma, a literatura não ficcional deparou-se com um gênero literário específico que tem como objetivo contar a história de pessoas ou grupos que viveram situações traumáticas ou experiências extremas, geralmente em contextos de conflito ou violência. Essas histórias são contadas a partir das perspectivas dos próprios indivíduos que as vivenciaram, ou por terceiros que se dispõem como mediadores e se lançam à escrita comprometida para dar voz a essas experiências e testemunhos.



Em 2015, esse gênero literário colocou-se no centro das atenções de estudiosos e leitores, com a entrega do prêmio Nobel de literatura à escritora bielo-russa Svetlana Alexievich, por suas composições literárias não ficcionais de cunho documental/testemunhal de barbáries ocorridas na (e pela) extinta União Soviética. Devemos esclarecer que não é nossa tarefa discutir as repercussões que o prêmio possa ter gerado, apenas citar que o fato evidenciou o emprego do testemunho como composição da arte literária, para esse tipo de literatura já tão conhecida, mas nunca contemplada com tal abrangência.

A literatura testemunhal faz-se importante ferramenta para descortinar a história, avolumando o conhecimento de mundo e a fomentando valorização social. As leituras dessa natureza geram um pacto tácito entre autor, leitor e sociedade, por suas imbricações histórico-sócio-políticas.

Esse pacto arquiteta-se na obra testemunhal de Pedro Casaldáliga de forma muito íntima, uma vez que afim e se estabelecer a obra, tal como é, o autor lança mão de um precioso subterfúgio: seu diário. Ele constrói sua obra mesclando suas memórias do momento da escrita, com seu diário. Excertos escolhidos e organizados, fazendo disto mecanismo para sua oficina ética e estética, no ensejo de moldar sua diegese vital.

Dada a maleabilidade do gênero diário, configura-se aparato literário tanto para obras de ficção quanto para as narrativas não ficcionais, por permitir o registro pessoal e autêntico dos eventos e experiências vivenciadas pelo autor/narrador. Desta feita, o diário como elemento literário é uma valorosa forma de dar voz às experiências pessoais, permitindo que os leitores entrem em contato com a intimidade e a profundidade das emoções e reflexões da perspectiva posta na narrativa.



Nesse contexto, a utilização do diário é uma fonte de valorização e credibilidade ao testemunho.

A narrativa do testemunho

O século XX foi marcado por compreender, entre tantos eventos, momentos traumáticos para a humanidade. Conceituada como Literatura de Testemunho, a escrita testemunhal emergiu no campo das artes literárias, de forma mais significativa após o mundialmente conhecido episódio do Holocausto, ou como foi renomeado por alguns teóricos (devido ao seu significado etimológico), *Shoah* (devastação, catástrofe). A partir daí, podemos afirmar que a literatura de testemunho se trata da literatura do trauma.

Um campo de estudos incorporado à literatura a partir de publicações de autores que se dispuseram a denunciar e testemunhar acontecimentos que se constituíram em desonrosas violações aos direitos humanos. Em busca de justiça e resistência, as vítimas da catástrofe expuseram ao mundo as dolorosas experiências sofridas.

Um tanto quanto recente, o campo do testemunho apresenta-se em desenvolvimento, como afirma: “[...] esse campo dos estudos sobre o testemunho ainda se está formando e a bibliografia *específica* ainda é escassa [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 7)). Entretanto, estudos recentes têm revelado a importância que a literatura do testemunho assume no meio literário ao tempo em que se compromete com a verdade das experiências vivenciadas em um determinado momento, geralmente por um coletivo de sujeitos. As memórias que antes se faziam conhecidas apenas pela oralidade (quando se desejava, pois muitas vezes o silêncio



predominava), passam a se revelar pela linguagem escrita, encontrando assim um ambiente para a representação das vozes testemunhais, um espaço de enunciação.

Conforme afirma Benjamin “[...] entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos [...]” (2012, p. 214). Nesse cenário a narrativa de testemunho evidencia-se, uma vez que tem por característica básica, a sinceridade do relato. Logo, podemos afirmar que o testemunho exerce um papel de fundamental importância para a manutenção da interação entre história e literatura, uma espécie de artifício artístico capaz de preencher as lacunas deixadas pelo tempo, não registradas em nenhum livro de história ou sociologia, autênticas por se originarem, muitas vezes, da própria fonte.

Entende-se por testemunho, o relato, o depoimento, o atesto de um indivíduo acerca de um acontecimento que tenha vivido ou presenciado.

Em latim pode-se denominar o testemunho com duas palavras: *testis* e *supertes*. A primeira indica o depoimento de um terceiro em um processo. (...) Também o sentido de *superstes* é importante no nosso contexto: ele indica a pessoa que atravessou uma provação o *sobrevivente*. O conceito de *mártir* está próximo a essa acepção do sobrevivente. *Martyros* em grego significa justamente testemunha. (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 373-374)

A escrita testemunhal apresenta-se, quase sempre, com algumas características básicas das quais apontamos algumas: a escrita em primeira pessoa; o clamor por justiça; anseio de resistência; evento coletivo; sinceridade do relato; predominância do valor ético sobre o estético; presença do trauma; rancor e ressentimento etc. Entretanto, ressaltamos que a ausência de alguma delas não anula de modo algum o teor testemunhal



que a obra se propõe evidenciar, pois mais vale a análise do conjunto no *corpus* do texto. Bem como a presença da ficção não poderá descredibilizar o testemunho, conforme exemplos já expostos anteriormente.

Embora a noção base da literatura de testemunho tenha emergido a partir de publicações que permeiam o contexto do genocídio, majoritariamente dos judeus, cometido pelos nazistas ao longo da segunda guerra mundial, com relatos de sobreviventes sobre os campos de concentração, humilhações e perseguições que deram corpo a esse campo dos estudos literários, a percepção acerca desse gênero se expandiu e incorporou as manifestações alusivas aos regimes ditatoriais estabelecidos na América Latina:

Uma outra vertente da Literatura de Testemunho estabeleceu um outro conceito. Surgida nos anos 60, impulsionada pelo Prêmio Casa de Las Américas e fomentada pelo governo cubano, tal vertente recebeu a denominação *Testimonio*, que na sua tradução livre podemos definir como Testemunho. Essa literatura possui um caráter eminentemente político, pois visa dar voz aos oprimidos pelos regimes ditatoriais que germinaram na América Latina a partir dos anos 60. Conforme sabemos, ao longo dos anos 60 e 70, a América Latina virou palco de regimes de exceção e Golpes de Estados que assolaram o continente, deixando milhares de mortos, refugiados, torturados, presos e exilados políticos. (FIGUEIREDO, 2022, p. 9)

Para além dessas duas vertentes, o conceito da literatura de testemunho cercou-se por tantas outras matizes que passou a ser utilizada para a manifestação de situações de injustiça e opressão com vistas ao passado, como cita Salgueiro:

O alargamento desta noção inclui também sua utilização em direção ao passado, como, por exemplo, em relação aos genocídios e massacres contra índios e negros; ou em relação a misérias e opressões, desigualdades econômicas, preconceitos



étnicos e sexuais do cotidiano em todo o mundo. (2015, pg. 125)

Em face de representação podemos citar o livro intitulado *Um Longo Caminho para a Liberdade*, escrito por Nelson Mandela, líder do movimento anti-*apartheid* na África do Sul e primeiro presidente negro do país. Neste livro, Mandela conta sua vida desde a infância até a sua libertação após 27 anos de prisão, incluindo sua luta contra o regime opressivo do *apartheid* e sua defesa da igualdade racial e da democracia.

A opressão cotidiana vivida por uma minoria encontra na literatura espaço para ser representada, se fazer visível, comover e ser repudiada. Seligmann-Silva (2003) afirma que a literatura de testemunho serve como forma de evitar a repetição do horror de outrora, podendo a arte então, nesse cenário, ser encarada como papel de resistência e indignação. Nesse percurso, deparamo-nos com a escrita de Pedro Casaldáliga.

Pedro Casaldáliga. Seu Testemunho, sua Esperança.

Como bispo e pelas incidências peculiares desta Prelazia de São Félix, colocado um pouco ou no candelabro ou no cadafalso, pareceu-me que podia, que devia mesmo dar “a razão da minha Esperança” publicamente. Dando-a, eu desabafava.

[...]

Talvez ajudasse um pouco alguém a crer. Na liberdade e com fome de Justiça. É provável que decepcione a alguns; talvez escandalize a outros. Peço para me lerem sem ilusões e com liberdade. Um bispo não deixa de ser um simples cristão que recebeu a graça e a responsabilidade de servir simplesmente aos seus irmãos. (CASALDÁLIGA, 1978, p. 15)

A citação em tela foi extraída da parte introdutória do livro considerado a autobiografia de Dom Pedro Casaldáliga. Nascido espanhol e naturalizado brasileiro foi autor de poemas, músicas, cartas pastorais, entre



outras obras, dentre as quais destacamos aqui *Creio na Justiça e na Esperança* cuja essência constitui-se em relatar seus primeiros anos de prelado no município de São Félix do Araguaia - Mato Grosso, entremeio à ditadura civil-militar no Brasil.

Pedro Casaldáliga faz das suas palavras artifício para expor a vida sub-humana da população que compõe as comunidades da região, denunciando os grandes grupos de fazendeiros que exploravam a mão-de-obra barata e aterrorizavam famílias a troco de pequeno pedaço de terra. Ele escancarou e repudiou as condutas governamentais acerca da questão agrária da Amazônia legal que sempre beneficiavam os mais ricos em detrimento dos mais pobres, além de apontar e reprovar as atitudes da própria igreja católica.

Evidencia-se pelas linhas de sua escrita o grito dos esquecidos na penúria da fome, da educação, da higiene, da assistência... Seus textos muitas vezes apresentam uma linguagem poética e simbólica, mas também são marcados por uma clareza contundente e uma abordagem direta dos problemas que ele aborda.

Trata-se de uma obra sobre o povo mato-grossense, um clamor de justiça e liberdade para questões ainda, infelizmente, tão atuais. Em sua escrita ressoa seu amor pelo rio Araguaia, pelo povo marginalizado, sua indignação pelos abusos e o anseio por justiça e liberdade a todas as vítimas do latifúndio e do autoritarismo governamental vigente da época. Uma obra histórico-literária, de importância artística racional, pois como afirma “[...] A arte constitui um momento no processo do assim chamado por Max Weber desencantamento do mundo, implicado na racionalização [...]. (ADORNO,2008, p. 69)



A obra molda-se no período em que vigorou a ditadura civil-militar no Brasil, o que nos faz refletir sobre o abandono e a negligência sofridos pelas comunidades carentes, por parte dos governantes. Na contramão desse cenário, o padre espanhol chega causando controvérsias, horrorizando-se com a situação que encontrara. Até sua chegada, a igreja e as fazendas locais mantinham um bom relacionamento, sendo a igreja “democraticamente” conivente com o que ocorria. Entretanto, Casaldáliga balança essa relação ao juntar-se aos necessitados e lutar pelos seus direitos: “(...) fiz minha opção pelos pobres e oprimidos.” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 49).

A narrativa ocorre predominantemente em primeira pessoa, com o narrador-testemunha manifestando suas memórias entre os anos de 1968 a 1975. Por vezes, ao longo da narrativa, difundem-se em uníssono as vozes do narrador e escritor. Entre a escrita de suas memórias, que revitalizam sua fé, sua esperança, sua escolha de estar ali naquela missão, Pedro Casaldáliga inclui excertos de seu diário, escrito à ocasião dos acontecimentos, a fim de atribuir ainda mais veracidade ao seu testemunho “Copio várias páginas do meu *Diário* porque elas já estavam escritas anteriormente e dão, com mais franqueza a autenticidade, o pão quente de cada dia” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 16).

O início da obra dá-se por uma breve narrativa de seu nascimento e o percurso que motivou Casaldáliga a assumir o sacerdócio. Lugares que esteve e funções que ocupou antes de chegar ao Brasil. Podemos observar que desde muito cedo o narrador-testemunha esteve envolvido em uma atmosfera de tensões político-sociais, a começar pela guerra civil espanhola de 1936, em que o termo “socialista” era motivo de repulsa.



E ainda cedo vivenciou o drama da morte de seu tio Luís, em virtude da revolução. A explanação sobre sua infância não se dá apenas de forma a desnudar-se ao leitor da forma mais íntima possível, se dá também como apresentação de seus primeiros traços de tenra consciência de justiça que sempre o acompanhou “[...] Daqueles dias, trago a imagem de uma árvore que queimamos involuntariamente, como quem carrega o remorso de um homicídio. Digo isso para explicar como me doíam, à minha chegada ao Mato Grosso, os infinitos tocos das “queimadas” do latifúndio.” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 20).

Amante da literatura, sempre inclinado à escrita, antes mesmo de publicar seu livro no Brasil, Casaldáliga escrevia poemas, cartas (destacamos *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*) e alimentava seus diários. Sua chegada em Mato Grosso ocorrera em julho de 1968 e já em agosto ele o iniciara, na intenção, talvez, de extravasar o sentimento que lhe vinha ou de conversar de si para consigo mesmo. O que dê certo podemos afirmar é que ali estavam registros carregados de fulgurosos sentimentos:

No dia 15 de agosto, eu começava o meu *Diário*:
Talvez porque aqui vou precisar mais do que nunca do diálogo interior, em meio a tantos silêncios - escrevia eu. Chegamos à Missão no dia 30 de julho e já pensei e senti e temi e esperei e gozei muitas coisas. Dos homens, da natureza e de Deus... (CASALDÁLIGA, 1978, p. 31)

A totalidade da narrativa ocorre em tom confessional, por tratar-se do testemunho, contudo são pelos excertos do diário que o narrador evidencia ao leitor sua intensidade emocional frente aos acontecimentos ordinários; ali revela-se entre tantos, a tônica da mágoa “[...] Eu, pessoalmente, talvez por um certo estado de esgotamento e pela especial



amizade que me vincula ao Zeca, senti-a com uma angustiante mágoa.[...]” da solidão “[...] Algumas reações últimas da presidência da CNBB me dão nova sensação de solidão.[...]”; e da raiva “[...] Antigos pecados, a perene infidelidade e estes pecados novos de raiva e revolta [...].” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 80-82).

Sentimentos que enobrecem a obra literária, e vão ao encontro do que defendia o filósofo e escritor suíço do século XVIII Jean-Jacques Rousseau, sobre a empatia e emoção serem essenciais para a experiência literária. Até uma certa dose de sarcasmo nos é possível provar: “A Frenova está desmoralizada. Também pudera! A última de suas muitas fazendas foi cercar com quatro fios de arame o próprio rio Tapirapé. Só falta agora que um dia esses onipotentes fazendas resolvam ‘cercar’ o céu e soltar seus bois para pastar nuvens!” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 95).

Em seu roteiro de vida e atividade sacerdotal matogrossense, o bispo desenha para o leitor as personagens em seus lados extremos, fossem os explorados (posseiros, retirantes sertanejos, índios), fossem os exploradores (gerentes de fazendas, fazendeiros latifundiários, governo estadual, governo federal).

Desenha o ambiente catastrófico que se configurava na região de forma tão profícua e verdadeira que por vezes sentimos a narrativa tornar-se densa, quase obscura, tomadas pelo breu de atitudes infames, por tantas mortes - como dos padres João Bosco e Rodolfo, do índio Simão Cristino e do pequeno João Paulo - sentimo-la encharcada no pranto dos aflitos quando estes se permitiam sofrer, uma vez que a desprezável condição em que viviam era-lhes familiar:



Mato Grosso era e ainda é uma terra sem lei. Alguém o tinha classificado como o “Estado-curral” do Brasil. Não encontramos nenhuma infra-estrutura administrativa, nenhuma organização trabalhista, nenhuma fiscalização. O direito era do mais forte ou do mais bruto. O dinheiro e o “38” se impunham. Nascer, morrer, matar, esses sim era os direitos básicos, os verbos conjugados com uma assombrosa naturalidade. (CASALDÁLIGA, 1978, p. 33)

A barbárie do cotidiano toma forma na narrativa de Casaldáliga, servindo-a como conteúdo de verdade, sendo memória de uma parte oculta e desconhecida da história. O clamor que nasce desses escritos deve ser lido como um clamor plurivocal, advindo de centenas de famílias silenciadas e negligenciadas pela história oficial imposta pelo Estado, mediadas por um estrangeiro crente de que “[...] se ser bispo é ser voz dos que não têm voz (Card. Marty) eu não poderia, honestamente, permanecer de boca calada ao receber a plenitude do serviço sacerdotal.” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 50) - declaração de Casaldáliga à ocasião de sua ordenação episcopal.

A resistência evocada por Dom Pedro, servindo-se de arauto dos índios, posseiros e peões, era real, verdadeira e épica. Rendeu-lhe tentativas de morte, de deportação, algumas denominações “[...] Naqueles dias, o clã dos poderosos vinha espalhando mais perto, entre o povo, a grande difamação: éramos subversivos, comunistas, estrangeiros...” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 48).

Não se detinha pelo medo, sabia perseverar. Permanecia à luta, com responsabilidade e comprometimento com povo e o sacerdócio, ainda que não comungasse com o *modus operandi* da igreja católica, seguia firme em seu ideal, com destino utópico, com desvelado amor e obstinado desejo de livre igualdade.

Ele Cria na Justiça e na Esperança.



Considerações finais

Ao discutirmos a obra literária de Pedro Casaldáliga, *Creio na Justiça e na Esperança*, percebemos que ela se enquadra no modelo literário não ficcional, do gênero Literatura de Testemunho, que revela ao leitor um contexto histórico preciso e verdadeiro. Ademais, a escrita serve como porta-voz das vítimas subalternas e comunidades indígenas afetadas, além de se fazer ferramenta de denúncia da barbárie. Entende-se também que a obra se constitui espaço de resistência à opressão militar, latifundiária e estatal.

Ressaltamos que, dado o ano de publicação da obra e seu conteúdo denunciativo, ela tem o caráter não somente de reparação *a posteriori* das mazelas, mas sobretudo se configura como artifício de mudança partir dela mesma, intencionando o cessar do horror, para que este não torne a acontecer. Percebemos que embora predomine o conteúdo racional e histórico, o autor pondera elementos estéticos que agregam ainda mais valor literário à arte da escrita.

Destacamos que a região de São Félix do Araguaia situava-se em um espaço geográfico extremamente carente na época, popularizada por pessoas ainda mais carentes, doentes e analfabetas em quase toda totalidade, conjunturas que contribuía para a privação de direitos, o acobertamento de crimes e o autoritarismo. Nesse cenário adverso e debilitado surge a figura de uma testemunha empática e comprometida com as vítimas da região capaz de transcrever as agruras e resistir com o povo por seus direitos, suas memórias e por justiça de forma obstinada e poética.

Tal abrangência de elucidação, descrição e compreensão só seria possível a um narrador-testemunha letrada de tamanha consciência crítica



político-social e de elevada sensibilidade literária, como aqui evidenciamos. A resistência na escrita de Pedro Casaldáliga é uma marca registrada de sua obra literária e ativismo social. Suas palavras são uma poderosa crítica à opressão e à injustiça.

Por fim, destacamos que talvez somente o ‘sentir’ seja capaz de mensurar a importância desses escritos de Casaldáliga, sua alteridade convida-nos a refletir sobre o testemunho velado que ainda há em nosso Brasil periférico. Aguardando a literatura para se fazer memória escrita.

Os textos de Dom Pedro Casaldáliga são inspiração para aqueles que lutam por uma sociedade mais justa e humana e anseiam, assim como ele, que “Um dia também a Liberdade amanhecerá sobre esta nova Pátria, verde e amarela, que já se fez minha, definitivamente.” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 171).

Seguimos sentindo e revivendo a poética e a resistência de Dom Pedro. E torcendo para que este desejo utópico (ou não!) de liberdade, concebida por esse estrangeiro idealizador ilumine nossa pátria e subverta muitos corações brasileiros.

Referências

ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

AROSA, G. Literatura e testemunho, a escrita do eu em choque: o trauma, sua memória/Literature and testimony, the writing of the us in shock: trauma, it's memory. **Revista Athena**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/2895>. Acesso em: 14 out. 2022.



BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8ª Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. 1).

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPANA, Crislaine Aline. **Aphra Behn: A trajetória de uma escritora na Inglaterra da restauração monárquica, século XVII.** 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em <https://hdl.handle.net/1884/73630>. Acesso em: 2023-04-19.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Creio na Justiça e na Esperança.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Uma Igreja da Amazônia contra o Latifúndio e a Opressão Social.** São Félix do Araguaia, 1971.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa.** Porto Alegre: Grupo A, 2014. E-book. ISBN 9788565848893. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848893/>. Acesso em: 30 set. 2022.

ERASSO, Natalia Cristina Quintero. O diário de juventude de Liev Tolstói: singularidades do 'diário de escritor' e confluências com a prosa artística. 2016. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2019.tde-08082019-120851. Acesso em: 2023-04-13.

FIGUEIREDO, C. A. S. As marcas da resistência na literatura de testemunho em Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis. *Literatura e Autoritarismo*, [S. l.], n. 39, p. 5–16, 2022. DOI: 10.5902/1679849X67634. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/67634>. Acesso em: 30 ago. 2022.



_____. LITERATURA DO TESTEMUNHO: A LITERATURA DA ERA DAS CATÁSTROFES. *EntreLetras, [S. l.]*, v. 11, n. 1, p. 7–27, 2020. DOI: 10.20873/uft.2179-3948.2020v11n1p7. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/833>
3. Acesso em: 14 set. 2022.

_____; DA SILVA SANTOS, J. LITERATURA DO TESTEMUNHO NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA. *EntreLetras, [S. l.]*, v. 11, n. 2, p. 300–316, 2020. DOI: 10.20873/uft.2179-3948.2020v11n2p322. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/10454>.

Acesso em: 24 set. 2022.

MACIEL, C. P. R. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. *Opiniões, [S. l.]*, v. 5, n. 9, p. 74-80, 2016. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2016.124618. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618>. Acesso em: 12 set. 2022.

MONTEIRO, Gustavo Feital. Analisando a escrita do passado: Sobre o conceito de “literatura de testemunho” de Seligmann-Silva. *Revista Vernáculo, [S.l.]*, fev. 2018. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/52954>>. Acesso em: 14 out. 2022.

SALGUEIRO, Wilberth. O QUE É LITERATURA DE TESTEMUNHO (E CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE GRACILIANO RAMOS, ALEX POLARI E ANDRÉ DU RAP). *MATRAGA - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S.l.]*, v. 19, n. 31, dez. 2012. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>>. Acesso em: 01 set. 2022.

SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, [S.l.]*, n. 44, p. 120-139, jul. 2016. ISSN 0104-0944. Disponível em:



Vol. 24, nº 1 (2023)

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3432>>. Acesso em: 18 abr. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i44.3432>.

SANTOS, Edson Flávio. **As utopias e resistências de Pedro Casaldáliga: escritos escolhidos**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

_____. Pedro Casaldáliga: à fronteira do discurso. Revista Unifeso – Humanas e Sociais. V. 4, n. 4, p. 230-245, 2018. ISSN 2358-9485. Disponível em:

<http://unifeso.edu.br/revista/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/42>. Acesso em: 26 set. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

PINTO, Aroldo José Abreu; Ferreira Filho, Benjamim Rodrigues; Souza, Shirlene Rohr de (Orgs.). **Pesares, Pensares e Ações: Educação, Literatura, Filosofia e outros olhares para o Contemporâneo**. São Paulo: Editora FAEF, 2018.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de (org.). **O direito em perspectiva**. Ponta Grossa: Atena, 2022.